



OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES E A EUROPA DO RENASCIMENTO

ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS

NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA

SEPARATA DOS CATÁLOGOS

---



# MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

## **NÚCLEO COORDENADO POR:**

José Borges de MACEDO

## **RESPONSÁVEL MUSEOLÓGICO**

Maria Alice BEAUMONT

Ilda AREZ

## **PROJECTO, MONTAGEM, DESIGN**

João de ALMEIDA

Pedro Ferreira PINTO

Padro Emaús SILVA

## **Coordenação:**

Sebastião de CARVALHO,  
Engenheiros e Consultores, Lda.

## **Luz e Som:**

Projel, S.A.R.L.

---

## MOEDAS RENASCENTISTAS

## MOEDAS RENASCENTISTAS ITALIANAS

O interesse pelo estudo das antiguidades clássicas, entre as quais se incluíam as moedas romanas, associado ao desenvolvimento da medalha como nova forma de expressão retratista, influenciou o renascimento da arte do retrato monetário, cujos primeiros exemplos apareceram em meados do século XV em Milão (*ducado de ouro de Francisco I Sforza, 1450-1466:  $\phi$  22 mm, peso 3.51 g*) e em Nápoles (*coronado de prata de Fernando I de Aragão, 1458-1494:  $\phi$  27 mm, peso 3.93 g*). Estas primeiras experiências, no entanto, tendo sido realizadas em discos monetários de reduzido módulo ou peso e espessura, correspondente às moedas correntes na época, não favoreciam a gravação de grandes relevos, limitando assim a própria expressão retratista.

Em 1472 e como resultado de uma maior abundância de prata, nomeadamente pela descoberta de novos jazigos em Schwaz, no Tirol, Veneza lança uma espécie monetária mais pesada (6.5 gramas,  $\phi$  27 mm), denominada *lira* (de *lira*, a antiga unidade de conta dos Romanos) e no valor de 20 soldos de prata, ostentando no anverso o busto do doge Nicolò Tron (1471-1473). Mal recebida pelos cidadãos da República, ressentidos pelo aparecimento do retrato do seu governante numa moeda-prática considerada como indicadora de um poder real ou imperial — a lira veneziana acabaria por ser retirada da circulação, não sem antes ter influenciado a emissão de uma peça do mesmo valor pelo seu poderoso rival e vizinho ducado de Milão.

Por essa época, Milão era o grande centro de inovação medalhística, onde se ensaiava um novo processo de produção de medalhas, por cunhagem, em vez do processo original de moldagem por fundição. E se já existia alguma experiência anterior na gravação de efígies monetárias, com o lançamento de uma espécie monetária de maior dimensão e espessura ( $\phi$  29 mm, peso 9.8 g), os medalhistas milaneses puderam criar desde então algumas das maiores obras primas do retrato renascentista, ao mesmo tempo que se aperfeiçoavam os próprios instrumentos de cunhagem.

Cristoforo Caradosso Foppa (activo de 1470 a 1526), considerado como um dos mais notáveis medalhistas da Renascença e, juntamente com

Gianfrancesco Enzola, um dos impulsionadores da arte da medalha cunhada, foi o autor das gravuras da primeira moeda de retrato do duque Galeazzo Maria Sforza (1466-1476), cunhada em 1474: no anverso, o busto couraçado do duque, de perfil à dir., cabeça descoberta e cabelos frisados caindo sobre a nuca; no reverso, as armas ducais.

Inicia-se com esta moeda uma série de expressivos retratos dos duques e senhores de Milão até meados do século seguinte, e que constitui o que de mais artístico se amoeudou na Itália Renascentista.

Apesar do retrato em moeda ter sido evitado nos Estados republicanos — em Génova só aparece durante o domínio milanês, de 1488 a 1494; e, em Florença, apenas depois de 1532, com o primeiro duque Alexandre I Médici — foi rapidamente assimilado nas amoedações senhoriais, dando origem à vulgarização do nome «testone» (de *testa* ou cabeça), designação por que ficou a ser conhecida a moeda de uma lira.

A inovação da moeda renascentista italiana cedo se estendeu à Europa. Na Inglaterra ensaia-se em 1504, no reinado de Henrique VII (1485-1509), a cunhagem do primeiro *testoon* de prata ( $\phi$  30 mm, peso 9.33 g), no padrão dos *testones* italianos e ostentando uma efígie aperfeiçoada do monarca; na França e por influência das conquistas italianas de Luís XII d'Orleães (1497-1515), a casa da moeda de Paris lança em 1513 o *teston* de prata ( $\phi$  30 mm, peso 9.6 g), imitação dos *testones* milaneses lavrados em nome do soberano francês durante o período do domínio do ducado de Milão (1500-1512). Será ainda por influência de medalhistas italianos que serão cunhadas, no norte da Europa, as efígies monetárias do imperador Carlos V e de Filipe II de Espanha.

A moeda de retrato reaparece, assim, na Europa renascentista, como o correspondente monetário da arte medalhística, passando a ilustrar o perfil e o busto do soberano com notável realismo e pormenor, em substituição das figurações representativas e alegóricas, características das amoedações medievais.

## A ourivesaria e a moeda manuelina

Em Portugal, contudo, a influência da nova gravura numismática italiana não se fará sentir antes de 1544, ano em que são lavradas as primeiras moedas portuguesas de figuração renascentista.

No reinado de D. Manuel I mantêm-se os tipos monetários tradicionais, apesar de terem sido criadas, desde 1499, novas e mais pesadas moedas, que poderiam ter servido de suporte à divulgação da efígie real, se a tanto chegasse o engenho e a arte dos ourives gravadores da Casa da Moeda de Lisboa.

Tal não viria a suceder e o impressionante número do rei-mercador passa a ostentar gravuras de valor simples, se não mesmo tosco, evidenciando claros propósitos de propaganda e de afirmação internacional dos símbolos nacionais que os Descobrimentos prestigiaram.

Apesar dos abridores de cunhos para moeda serem também ourives, como é o caso dum certo Diogo Rodrigues, ourives da rainha D. Isabel, nomeado em 1497 para a Casa da Moeda de Lisboa e presumível autor das gravuras dos primeiros *portugueses* de ouro, ou de um outro que lhe sucedeu nesse cargo em 1523, Diogo Álvares, ourives do infante D. Fernando, irmão de D. João III, verifica-se que o primitivismo artístico da moeda portuguesa contrasta vivamente com a riqueza do debuxo e a exuberância ornamental da ourivesaria manuelina, cujo exemplo mais acabado é a conhecida Custódia de Belém, em exposição nesta sala.

Já no reinado de D. João III e após os primeiros lavramentos, ainda segundo os tipos anteriores, a moeda de ouro e de prata evidencia uma maior preocupação de estilização dos diversos elementos da gravura, símbolos e legendas, bem como uma superior qualidade de acabamento.

Esta significativa mudança de estilo teve lugar no início deste reinado, em 1525-1526, quando o citado ourives Diogo Álvares foi encarregado de abrir novos cunhos para moedas — *portugueses*, *cruzados* e *tostões* — melhores e mais perfeitos que os anteriores, o que fez, sendo aprovadas pelo rei as amostras tiradas, logo enviadas à Casa da Moeda, em 23 de Outubro de 1525, como padrão dos «cunhos novos», cuja perfeição, bitola e grandeza deviam ser mantidas nas futuras amoedações.

A simples comparação das gravuras das famosas moedas de *português* em exposição, a primeira do reinado de D. Manuel I e as outras duas do reinado de D. João III, permite exemplificar a mudança de tipologia e de tratamento ornamental, então verificada, sem contudo se ter alterado a simbologia das figurações monetárias originais.

## Moedas portuguesas de figuração renascentista

A progressiva desvalorização monetária verificada durante o reinado de D. João III, obrigando à criação de novas moedas e ao consequente abandono das emissões anteriores, irá possibilitar o aparecimento de tipologias monetárias inovadoras, mais adequadas ao carácter piedoso do soberano e às tendências artísticas da época.

Em 1538 proíbe-se o lavramento normal dos grandes *portugueses* de ouro, ao mesmo tempo que se baixa o título da liga dos *cruzados* (400 reais), que desde então passam a ostentar no reverso a inovação «In Hoc Signo Vincēs».

Uma segunda redução da liga do ouro amoedado, verificada em 1544, origina a criação de um novo tipo de cruzado, chamado *calvário* em virtude de representar no reverso a cruz-insígnia da Inquisição Portuguesa (*em exposição noutros Núcleos*). Na mesma ocasião é criada uma nova espécie monetária, com o valor de 1000 reais, de peso e módulo mais elevados (31 mm), destinada a correr em todos os senhorios portugueses, mas logo enviada para circulação na Índia.

Denominada *escudo de S. Tomé* no alvará de 26 de Outubro de 1544 que determinou o seu lavramento, esta nova moeda (*em exposição no Núcleo da Torre de Belém, painel da moeda luso-indiana*) apresenta gravuras que rompem definitivamente com o arcaísmo das tradicionais figurações monetárias portuguesas. No reverso, a imagem de São Tomé, de pé e envergando largos panejamentos pregueados, à romana, é tratada com tais cuidados na modelação e proporção dos volumes, que não deixa dúvidas sobre a influência renascentista italiana, maneirista, no seu desenho criador. No anverso mantêm-se o escudo coroado das armas reais, como motivo central, mas agora prolongado até à bordadura superior.

Trata-se de uma moeda de rara beleza e cuidada arquitectura, em ambas as faces, inovadora na disposição relativa das figurações e legendas, harmoniosa e elegante no seu conjunto, concebida de acordo com as ideias do Renascimento e amoedada com o ouro indiano dos Descobrimentos.

Foram seus autores o ourives Diogo Álvares, que abriu os cunhos segundo os desenhos de António de Holanda (ca 1490-1558) e de seu filho Francisco de Holanda (ca 1517-1584), este último considerado como «o mais importante artista da Renascença em Portugal» (Jorge Segurado), arquitecto, pintor, desenhador e escritor humanista, cuja obra se encontra representada noutra secção deste núcleo exposicional.

São também da autoria dos d'Holanda os desenhos para outras moedas de ouro dos reinados de D. João III e de D. Sebastião, como o próprio Francisco de Holanda nos deixou memória no seu conhecido tratado «*Da Fabrica Que Falece Há Cidade de Lisboa*» (1517), 2.<sup>a</sup> parte, «*Lembrança Ao muito Sereníssimo e Cristianíssimo Rei Don Sebastião: De quanto serve a Ciência do Desenho e Entendimento da Arte da Pintura, na República Cristã assim na Paz como na Guerra*»:

«*De quanto serve a Ciência do Desenho: no serviço Delrei.*

(...)

*Pode servir no debuxo das novas moedas em que muito vai e se tem feito grandes erros: mas não pelos debuxos que com muita descrição e cuidado fizemos para os S. Thomas e S. Vicente de ouro eu e o meu Pai. E para outros Pardaos, e o que foi por outra via da Prata e Cobre bem se sabe de todo o Portugal em que parou.»* (cap. IV)

Além do escudo de São Tomé, a que já nos referimos e que passa a representar a primeira moeda portuguesa de figuração renascentista, será de atribuir à pena dos dois d'Holanda o desenho dos menos conhecidos *pardaus* São Tomé (em exposição no Núcleo da Torre de Belém), moedas de ouro lavradas em Goa desde o governo de Garcia de Sá (1548-1549), provavelmente com cunhos abertos em Lisboa ou com base nos desenhos enviados de Portugal.

Moeda de reduzidas dimensões ( $\phi$  18-19 mm), apresenta no reverso a figura do Santo com o

mesmo tipo de estilo cuidado, mas agora em posição sentada, solução que se adapta magistralmente ao espaço disponível.

São estes, sem dúvida os *pardaus* a que Francisco de Holanda se refere e que até hoje não tinham sido identificados pelos estudiosos da sua obra.

Mais conhecidos e admirados, porque mais abundantes, os *São Vicente* e *meio São Vicente* de ouro, lavrados desde 1555 até 1560 na valia de 1000 e 500 reais, respectivamente, apresentam-nos dois tipos bem distintos da imagem do Santo Padroeiro da cidade de Lisboa.

No primeiro, a que correspondem as amoedações do reinado de D. João III, a figura erecta de São Vicente, envergando dalmática e portanto os seus atributos (palma de martírio e nau portuguesa), tem inegáveis similitudes de traço e de composição com as do São Tomé de 1544, muito embora figure, no anverso, um escudo real de desproporcionadas dimensões, em desacordo com a harmonia estética conseguida na moeda anterior. De notar, ainda, na moeda de *meio São Vicente* ( $\phi$  24 mm), a representação do Santo de meio corpo, singularmente bem adaptada ao valor nominal desta espécie.

Falecido António de Holanda cerca de 1555-1556, as figurações monetárias dos *São Vicente* lavrados no reinado de D. Sebastião, de 1558 a 1560, e a que corresponde um segundo tipo bem diferenciado, são de atribuir exclusivamente ao desenho de Francisco de Holanda.

Apesar de ter sido mantida a imagem de corpo inteiro, a supressão do exergo e dos pés (nos 1000 reais) permitiu a criação de uma figura de maiores dimensões (ocupa mais de metade do campo da moeda, contra um terço nas anteriores) e riqueza de pormenores, que se adivinham na perfeita representação da cabeça, da nau e nos adornos da dalmática (gola larga, borlas e franjas).

Mais notável ainda é o movimento impresso ao corpo do Santo, olhos postos no céu, cotovelo direito bem recuado, tronco inclinado à esquerda e panejamentos pregueados, inferiores, inclinados à direita, numa delicada harmonia sinusoidal, sem comparação nem continuidade na gravura numismática portuguesa, demonstração exemplar da criatividade artística de Francisco de Holanda e da sua ciência do desenho ao serviço das moedas de el-rei.

A.M.T.

## 1 — MOEDAS ITALIANAS



### 164. TESTONE DE MILÃO

Anv. — LVDOVICVS . PATRVVS .  
GVBANANS, entre cercaduras peroladas. Busto  
de perfil à direita, de cabeça descoberta.  
Rev. — IOGZ . M. SF . VICE CO DVX MLI  
. SX, entre cercaduras peroladas. Busto de  
perfil à direita, de cabeça descoberta.

Lodovico Sforza «Il Moro» e Giovanni  
Galeazzo

Maria Sforza, 6.º duque de Milão (1481-1494)  
Casa da Moeda de Milão  
Prata,  $\phi$  28 mm; Peso, 9,6 g

Lisboa, MNP, inv. 20863

Segundo alguns autores, os desenhos deste  
tostão são da autoria de Leonardo da Vinci,  
que desde 1482 se encontrava ao serviço de  
Ludovico-o-Mouro.

A gravação dos cunhos é atribuída ao famoso  
medalhista Cristoforo Caradosso, um dos  
grandes impulsionadores da arte da medalha  
cunhada e que trabalhou em Milão até à  
conquista da cidade, pelos franceses.

### 165. ENSAIO DO DUCATÃO DE PRATA

Anv. — LVDOVIC' C DCG REX FRANCOR.  
Ao centro, o escudo da França, coroado e  
ladeado por dois lises, dentro de cercadura  
perolada, interrompida na parte superior.

Rev. — MEDIOLA — NI DVX (lis)

Ao centro, S. Ambrósio sentado de face,  
nimbado, com mitra e paludamento, segurando  
o látego na mão direita e o báculo na mão  
esquerda. Cercadura lisa.

Reinado de Luís XII d'Orleães, duque de  
Milão (1500-1512)  
Casa da Moeda de Milão  
Ouro;  $\phi$  27 mm; Peso 6,90 g

Lisboa, FAA, inv. 293

164.  
TESTONE DE MILÃO



### 166. DUCADO

Anv. — LVDO: FRAN: REGNI: G. NEAP. R.  
Busto de perfil, à direita, coroado, cabelos  
compridos sobre o pescoço e interrompendo a  
legenda na parte inferior.  
Rev. — PERDAM: BABILLONIS. NOMEN.  
Ao centro, o escudo da França coroado,  
interrompendo a legenda na parte superior.  
Cercadura granulada.

Reinado de Luís XII d'Orleães, durante a  
ocupação do reino de Nápoles (1502-1504)  
Casa da Moeda de Nápoles  
Ouro;  $\phi$  23 mm; Peso 6,96 g

Lisboa, FAA, inv. 291

166.  
DUCADO

## 2 — MOEDAS PORTUGUESAS



167.  
PORTUGUÊS



167.

**PORTUGUÊS**

Anv. — + I : EMAIVEL : R : PORTVGALIE : AL : C : VL : IΛ : A : D : G // C . II . C . ETIOPIE : ARABIE PERSIE : IDE, em duas coroas de círculos concêntricas, separadas por cercadura perolada.

Ao centro, as armas do Reino coroadas, dentro de cercadura lisa e ladeadas por dois aneletes.

Rev. — : IΛ : : HOC : : SIGNO : : VINCES :

. Ao centro, a cruz da Ordem de Cristo, dentro de cercadura lisa, tendo três pontos no braço superior e um ponto no centro.

Reinado de D. Manuel I (1495-1521)

Amoedações posteriores a 1499

Casa da Moeda de Lisboa

Ouro; φ 35 mm; Peso 35,4 g

Lisboa, FAA, inv. 487



168.

**PORTUGUÊS**

Anv. — ✚ IOANES : 3º : PORTVGALIE : AL : D : G : O : N : O : ETI. Ao centro as armas de Portugal coroadas, ladeadas por L—R. Circundado o escudo, por baixo, a inscrição, ARAIPP : S : IE : INDIE :, numa cartela.

Rev. —. IN : ▷ : HOC : ▽ : SIGNO : ▷ : VINCES. Ao centro a Cruz da Ordem de Cristo, dentro de uma cercadura granulada e circundada por um fio ornamental.

Reinado de D. João III (1521-1557)

Amoedações posteriores a 1525

Casa da Moeda de Lisboa

Ouro, φ 38 mm; Peso 35 g

Lisboa, FAA, inv. 489



169.

**PORTUGUÊS**

Anv. — ⚡ IOANES : 3 : R : PORTVGALIE : AL : C : G : C : N : C : ETI. Ao centro, as armas do Reino coroadas, ladeadas por L—R e por cartela com a inscrição ARAB—PSIE.

Rev. — : ✚ : IN : ▽ : HOC : ▷ : SIGNO : ▽ : VINCES. Ao centro, A Cruz da Ordem de Cristo, dentro de uma cercadura perolada e circundada por um fio ornamental.

Reinado de D. João III (1521-1557)

Amoedações posteriores a 1525

Casa da Moeda de Lisboa

Ouro, φ 39 mm; Peso 38,83 g

Lisboa, FAA, inv. 489

168.

**PORTUGUÊS**

169.

**PORTUGUÊS**





**170.  
SÃO VICENTE**

Anv. — IOANNES : III : REX : PORTV : ET AL. Ao centro as armas do Reino coroadas, interrompendo a legenda na parte superior.  
Rev. — ZELATOR FIDEI — VSQUE AD MORTEM. Ao centro, entre duas estrelas, a figura de S. Vicente, nimbado, de pé e corpo inteiro, segurando na mão direita a palma do martírio e na mão esquerda um galeão, envergando dalmática com mangas até ao cotovelo e gola no pescoço, donde pende um cordão.

Reinado de D. João III (1421-1557)  
Amoedações desde 1555  
Casa da Moeda de Lisboa  
Ouro;  $\phi$  31 mm; Peso 7,5 g

Lisboa, FAA, inv. 491

A veneração dos reis de Portugal ao Santo Padroeiro da cidade de Lisboa, que remonta aos primórdios da Nacionalidade, assume particular expressão nos reinados de D. João II e de D. Manuel I, com a construção da famosa *Torre de São Vicente a par de Belém* e no reinado de D. João III, com a homenagem da figuração da sua imagem em moeda de ouro, valiosa representação iconográfica do Santo.  
A legenda do reverso é formada pelo título conferido por Paulo III ao monarca português introdutor do tribunal da Inquisição em Portugal, «ZELATOR FIDEI» (*Zelador da Fé*), complementado por «USQUE AD MORTEM» (*até à morte*). De notar, em particular, o diferente posicionamento do início das legendas: no reverso, em baixo junto ao exergo; no anverso, apenas orlando o escudo real.



**171.  
MEIO SÃO VICENTE**

Anv. — IOANNES : III : R : PORTVGAL : ✠. Ao centro, as armas do Reino coroadas, interrompendo a legenda na parte superior.  
Rev. — ZELATOR : FIDEI : VSQVE AD. Ao centro o busto de S. Vicente, de meio corpo à direita, nimbado, segurando a palma na mão direita e um galeão na mão esquerda.

Reinado de D. João III (1421-1557)  
Amoedações desde 1555  
Casa da Moeda de Lisboa  
Ouro;  $\phi$  24 mm; Peso 3,5 g

Lisboa, FAA, inv. 492



**172.  
SÃO VICENTE**

Anv. — ✠ SEBASTIANVS : I : REX : PORTVGALLIE : ET. Ao centro as armas do Reino coroadas, sem interferir na legenda.  
Rev. — ZELATOR : FIDEI : VS — QVE : AD : MORE — M. Ao centro, entre duas estrelas, a figura de São Vicente, nimbado, de pé e à direita, segurando a palma e o galeão, envergando dalmática com gola, borlas e mangas com franja até ao cotovelo.

170.  
SÃO VICENTE

171.  
MEIO SÃO VICENTE

172.  
SÃO VICENTE

Reinado de D. Sebastião (1557-1578)  
 Amoedações de Fev. 1558 a Nov. 1559  
 Casa da Moeda de Lisboa  
 Ouro;  $\phi$  32 mm; Peso 7,5 g

Lisboa, FAA, inv. 499.

Este segundo tipo de *São Vicente*, além de apresentar uma diferente gravura da imagem do Santo, com grande riqueza de pormenores, tem ainda a particularidade de se regressar, no anverso, à clássica solução de legenda fechada, envolvendo por completo as armas reais. No reverso, a legenda tem início na parte superior.

\*



173.  
**SÃO VICENTE**

Anv. —. ✠. SEBASTIANVS : I : REX : PORTVGALLIE. Ao centro as armas do Reino coroadas e ladeadas por P—O, sem interferir na legenda.  
 Rev. — ZELATOR : FIDEI : VS—QVE : AD : MORTEM. Ao centro, entre duas estrelas, a figura de São Vicente, nimbado, de pé e à direita, segurando a palma e o galeão, envergando dalmática sem adornos, com gola e borlas.

Reinado de D. Sebastião (1557-1578)  
 Amoedações de 1558 a 1559  
 Casa da Moeda do Porto  
 Ouro;  $\phi$  31 mm; Peso 7,55 g

Lisboa, FAA, inv. 502

Apesar dos primorosos desenhos de Francisco de Holanda, a perícia do abridor de cunhos era essencial à sua correcta interpretação e gravação no metal, como se pode comprovar neste exemplar lavrado na Casa da Moeda do Porto e que ostenta uma figura de São Vicente deformada e grotesca, pálida imagem da harmoniosa composição desse grande artista renascentista.

\*

173.  
**SÃO VICENTE**

174.  
**SÃO VICENTE**



174.  
**SÃO VICENTE**

Anv. — ✠ SEBASTIANVS : I : REX : PORTVGALLIE : ET. Ao centro, as armas do Reino coroadas, ladeadas por L—G e por duas setas viradas para baixo.  
 Rev. — ZELATOR : FIDEI : VS—QVE : AD : MORTEM. Ao centro, entre duas estrelas, a figura de São Vicente, nimbado, de pé e à direita, segurando a palma e a caravela, envergando dalmática sem adornos, com gola e borlas.

Reinado de D. Sebastião (1557-1578)  
 Amoedações de Nov. 1559 a Jan. 1560  
 Casa da Moeda de Lisboa  
 Ouro;  $\phi$  30 mm; Peso 7,35 g

Lisboa, FAA, inv. 501

No anverso as armas do reino são flanqueadas por duas setas, alusão à relíquia do mártir S. Sebastião, presenteada ao soberano português pelo Papa Gregório XIII. Em Janeiro de 1560 foi interrompida a cunhagem dos *São Vicente* e *Meio São Vicente* e estas últimas substituídas por uma nova moeda de 500 *reais*, ostentando a Cruz de Cristo no reverso. Não teve continuidade, nem discípulos, a ciência do desenho de moedas advogada por Francisco de Holanda. Perdida a ideia renascentista, a moeda portuguesa regressa às figurações meramente simbólicas, numa monótona uniformidade que só será quebrada no reinado de D. João V.

\*